YENDIS ASOR SAID
DA ACADEMIA CONTAGENSE DE LETRAS

YENDIS EM DIALOGOS

YENDIS ASOR SAID
DA ACADEMIA CONTAGENSE DE LETRAS

YENDIS EM DIALOGOS

INTRODUÇÃO, REVISÃO E PREPARAÇÃO
Vinícius Fernandes Cardoso

1º Edição

EDITORA
IMPRIMATUR

YENDIS ASOR SAID
DA ACADEMIA CONTAGENSE DE LETRAS
© YENDIS ASOR SAID 2011
Todos os direitos reservados ao autor.

INTRODUÇÃO, REVISÃO, PREPARAÇÃO
Vinícius Fernandes Cardoso

FOTO DA CAPA
Willian Augusto

EDITORA
IMPRIMATUR
Rua 4 N 220
ESMERALDAS /MG
Telefone: 31 (31) 9643-0164
E-mail: yendisasorsaid@hotmail.com

RESPALDO
Academia Contagense de Letras
www.academiacontagensedeletras.weebly.com
Jornal Regional Contagem
www.jornalregionalcontagem.com.br

ENDEREÇO POSTAL
Rua Paulo Sérgio, 96
CEP 32.361-090 Contagem/MG
Telefone: (31) 2559-9788

CORREIO ELETRÔNICO
yendisasorsaid@hotmail.com
BLOG
www.uniblog.com.br/yendisasorsaid

Said, Yendis Asor, 1977 –

YENDIS EM DIALOGOS
Yendis Asor Said: Brasil, IMPRIMATUR, 2011.

I. Literatura brasileira
II. Teatro / Diálogos filosóficos

CDD: B869
CDD: B869.2

Suspiros inflamados que cantais
A tristeza com que eu vivi tão ledo
Eu morro e não vos levo, por que hei medo
Que, ao passar do Lete vos percais.

Escritos para sempre já ficais
Onde vos mostrarão todos com dedo
Como exemplo dos males; que eu concedo
Que para aviso de outros estejais.

Em quem, pois, virdes falsas esperanças
De amor e da fortuna cujos danos
Alguns terão por bem aventuranças,

Dizei–lhe que os servistes muitos anos;
E que em fortuna tudo são mudanças,
E que em Amor não há senão enganos.

LUÍS DE CAMÕES

Incultas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos, ó leitores;
Vede–as com magoa, vede–as com piedade,
Que elas buscam piedade, e não louvores.

Ponderai da fortuna a variedade
Nos meus suspiros, lágrimas e amores;
Notai nos males seus a imensidade,
A curta duração dos seus favores.

E se em versos mil de sentimento
Encontrardes algum, cuja aparência
Indique festival contentamento,

Crede, ó mortais, que foram com violência
Escritos pela mão do fingimento,
Cantados pela voz da dependência.

Manoel Maria Barbosa Du BOCAGE

YENDIS ASOR SAID
DA ACADEMIA CONTAGENSE DE LETRAS

UM POETA ENTRE NÓS

Por Vinícius Fernandes Cardoso

I[1]

De longe eu vi um homem / Que parecia um mendigo/ De amor tinha fome /parecia-se comigo, esses são alguns dos milhares de versos de Yendis Asor Said, palíndromo de Sidney Rosa Dias, poeta radicado em Contagem, Minas Gerais.

Sua primeira aparição pública se deu durante o lançamento do chevrolet *Meriva*, na Concessionária Mac Chevrolet. Convidada para abrilhantar o momento, a Academia Contagense de Letras, a ACL, lá estava corporificada na presença de poetas, escritores, performáticos e problemáticos, entretendo o momento com poesia e humor. Na época de sua aparição, o poeta já somava quatro pastas repletas de textos inéditos. Em 2002, passou a integrar os quadros da ACL e desde então sua simpatia ilustra o meio literário contagense. "Nei", como é chamado pela família, nasceu a 16 de outubro de 1977. Gênio precoce, e tendo cedo que ganhar o pão com o suor do rosto, com treze, quatorze anos, passou a colaborar com os jornais *Folha de Contagem* e *Verdade de Contagem*. A mãe reivindica a influência sobre o filho no gosto pela leitura e escrita, a simpática Iracema. Com quinze, fundou e presidiu o Raul Rock and Roll Fã Clube que chegou a somar cinqüenta integrantes. Na época, publicou dois artigos em jornal, um sob título "*Um tributo a Raul Seixas*" e o outro intitulado "*Raulzito continua vivo*".

De filosofia, leu os chamados pré-socráticos, os sofistas, a tríade Sócrates, Platão, Aristóteles. Leu Mathias Aires, filósofo brasileiro, Nietzsche. Leituras livres dos principais livros sagrados: a *Bíblia*, *Bragavad Gita* (Índia), *Tão To King* (China), e, à frente, *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, *Universo em Desencanto*, *O Alcorão*, O *Livro do Mórmon*. Leu ainda Nostradamus e mitologias mil, da grega à nórdica. De literatura, gosta de clássicos e modernos. Camões e Bocage estão entre os seus preferidos no trato com a língua portuguesa. Gosta de Paulo Coelho. Suas

[1] Versão da parte I saiu no *Jornal Regional Contagem* de agosto de 2005.

leituras indicam um espírito inquieto em busca de verdades e sentidos, senão para encontrar respostas, para, ao menos, aprender a melhor formular perguntas, afinal, uma pergunta bem formulada já é meia resposta.

Diário de um louco marcante para o poeta, na sua trajetória. Trata-se de uma grande epopéia, inicia-se com a citação de uma estrofe de Camões e narra uma grande saga individual onde são citados personagens de diversas tradições, além de musas e deusas como Is Lila e Samu; musas e deusas são freqüentes na sua literatura.

Dando forma aos seus escritos, em 2003, o poeta produziu e distribuiu opúsculos com alguns dos seus textos, a saber: *Satãna*, *A Dura Ausência*, *A Minha Dor*, *O Despertar*, *O Castelo*. Feitos pelo próprio autor, os livrinhos foram presenteados aos montes, principalmente na Região Metropolitana de Belo Horizonte. De 2003 a 2010, foram distribuídos mais de trinta mil exemplares dos seus opúsculos.

Satãna, onde há um diálogo entre o Eu e a deusa Satãna, lembra *Macário*, de Álvares de Azevedo, conhecido poeta brasileiro do século XIX. *A Dura Ausência* começa pelo final, com o amante a queixar a ausência da amada, tema de interesse permanente da alma humana. Há de se fazer uma leitura mais atenta da literatura de Sidney Rosa Dias, enfocando seus aspectos preponderantes, aqui, fazemos apenas uma modesta apresentação. *O Castelo* lembra os contos fantásticos de Edgar Allan Poe, escritor conhecido da juventude.

Seus escritos apresentam uma linguagem envolvente (efeito narcótico ao ler) e sugestiva (literatura simbolista). Indefinição do cenário e dos personagens, insinuação da voz narrativa e do enredo. Cria-se uma atmosfera de meia-luz que nos encanta ao ler. O eu-lírico formula perguntas, e, ao contrário dos livros de auto-ajuda com suas metralhadoras de respostas, deixa o leitor ler/escrever (imaginar) dali para frente. Ele convida o leitor a entrar na floresta de símbolos e a se perder nas águas do poema.

II

Em 2007, aparecem livrinhos dos textos *Solidão, Um Mal Bem Conhecido, Yendis, Algo*. A série *Sociedade Massacrada*, já na casa dos quarenta, e outros textos, passam a sair no *Jornal Regional Contagem*, onde Yendis começa a colaborar em abril. Em 2007, surge ainda *Quatro Elementos, reunião poética* e, em 2008, *Pontos Cardeais, encontro literário*, dois livrinhos coletivos com Fernando Januário, Diovvani Mendonça, Lecy Pereira Sousa e eu.

Solidão! atualiza a tônica lúgubre tão presente em outros textos de Yendis, como Satãna, lembrando porém, que Solidão! é feito de substância natural, Satãna, embora carregado de carga emocional (humana), apresenta uma personagem sobrenatural. *Solidão!*, assim como *A Dura Ausência* (2003), fala da irreparável perda da amada: "*Mesa vazia, cadeira vazia...*", assim começa o poema, que termina da seguinte forma: "*No quarto um doente, um ente com / um freqüente sonho, e uma solidão, / de alguém que se foi sem perdão. / Uma solidão, tudo isso em uma solidão... / Ó triste e apaixonado coração!*". O poema se desenrola através de um monólogo, tal qual *O Corvo*, de Edgar Allan Poe, que, triste e encismemado, vai contando a perda da amada, sugerindo, ao longo do poema, o ambiente esvaziado, antes habitado pela presença do casal. Sempre comovente a permanente temática da perda; não há ser humano que não se comova.

Já *Um Mal Bem Conhecido*, de 2007, inaugura ou atualiza, com mais força e inteligência, um poeta com a língua afiada para a sátira e, devido à atualidade histórica do alvo da sátira – o neopentacostalismo – este livrinho, pode-se afirmar com segurança, é um tanto quanto original; e olha que nem estou preocupado em caçar originalidades[2].

[2] O julgamento literário pautado pelo critério da originalidade, herdado do Romantismo e transformado em mola-mestra da crítica literária, romântica e posterior, encontra-se, ao meu ver, impotente, insuficiente, e às vezes, até impertinente, para dar conta do reconhecimento – que dizer do julgamento – dos textos literários contemporâneos: os românticos tinham razão para estarem preocupados com a questão da originalidade, engajados estavam no projeto de Nação; a literatura romântica estava preocupada em afirmar uma Língua Pátria diferente da língua dos colonizadores, preocupada em afirmar uma literatura nacional original, diferente da literatura da Metrópole; a crítica literária desta época, portanto, tinha o critério da originalidade como carimbo: ou o escritor era brasileiro, ou era antiquado, lusitano, mofado; procurar diferenças,

Um Mal Bem Conhecido, como tudo que é verdadeiramente novo e não meramente arranjadinho para dar impressão de novo, é violentamente virgem: "*No meio da multidão / Ele pulava e tirava demônios, / Ele dizia: — É encosto irmão! / Sai do Zé, sai do João e do Tônho. / Esse que parece um santo, / Em nome de Deus berra tanto, / Diz ter força maior que Sansão. / Não passa de um porco fodido, / Não passa de um padre maldito, / De um bispo, pastor e ladrão*". Sem papas na língua, sem autocensura, eis um trabalho de intervenção política, no melhor sentido, porque intervém nas idéias; uma voz dissonante em meio ao pensamento único; uma voz sem compromissos com o politicamente correto; com a vida literária bem comportada das noites de autógrafos; o senso crítico; a sátira; uma alfinetada na alienação, na imbecilidade; eis a voz de um poeta, uma individualidade no exercício de sua liberdade; o que não adere à boiada; o que ri da sociedade, que lhe coloca um espelho na sua frente que reflete uma imagem que ela não suporta. Com *Um Mal Bem Conhecido*, Yendis Asor Said, sem querer e sem estar preocupado com isso, alinha-se à tradição dos malditos, os Aldous Huxley, Jim Morrison, e, da nossa tradição, os Gregório de Mattos.

O livrinho *Yendis* (2007) reúne os textos onde se manifesta o personagem Yendis. Yendis é como se fosse – note-se, como se fosse – o alter-ego do poeta, tais quais os heterônimos de Fernando Pessoa. Que fique claro: Yendis não é nem pode ser a pessoa física Sidney Rosa Dias. Que não se faça essa redução errônea. Trata-se de uma entidade, uma personagem. E Yendis é um dos personagens mais divertidos. Superior, Yendis só se

---

especificidades, demarcar fronteiras, afirmar uma individualidade brasileira, distinguir-nos de Portugal, eis as preocupações da crítica literária romântica. Com a Independência e a consolidação da Cultura Nacional, a crítica literária, ao invés de abandonar o critério da originalidade, o mantém, só que, agora, utilizando-o para distinguir um escritor do outro; agora, original é quem ia além da literatura convencional (na prosa, início-meio-fim; na poesia, verso metrificado), o que deu margem para toda uma ânsia de genialidade entre nós. Agora, o escritor/poeta queria ser "diferente", "original", "de vanguarda", "novo"; ninguém mais quer fazer literatura convencional, ninguém quer mais escrever uma história com início, meio e fim; ninguém quer mais fazer um soneto despretensioso, bem escrito. A crítica literária posterior ao Romantismo, ao manter o critério da originalidade, talvez tenha contribuído no forjamento dessa ânsia de genialidade, pois ajudou a inculcar na cabeça dos escritores que "bom" é aquele que é "original". Aí, como dizem os caipiras, danou! Foi um festival de originalidades, cada um querendo ser mais original que o outro... gente querendo reinventar a roda...

relaciona com deuses, filósofos, seres superiores como ele, e, com esses, mantém uma postura de primazia; chama Cícero de "caro Circe", Platão vira "meu caro Plata", Morfeu, deus grego do sono, é o "Mofa", os apelidos beiram o deboche: São Lucas transforma-se em "Ó Lucas", etc. Yendis só aparece em lugares exóticos, distintos: Inferno, Roma, Oklahoma, Bangladesh, etc. Dá conselho a figuras bíblicas, resolve altas discussões filosóficas com uma frase, tem opinião para tudo, e, detalhe, todas suas opiniões são infalíveis e ele fecha o debate, não deixando margem para uma possível continuação da discussão; fala de forma categórica e responde as grandes questões universais: "De onde viemos?" e "Para onde vamos?", com naturalidade de criança. De tão resoluto e certo de si, Yendis chega a cativar pela firmeza, pela aparente arrogância, que, olhando bem, é um jeito afirmativo de ser, sem medo de ser feliz, sem muita firula acadêmica, sem muita discussão sem fim. Autoritário? Fascista? Yendis responde seus questionadores que lhe vem especular a vida de forma curta e grossa, desmontando seu oponente, por isso, não é bom brincar com ele. E deixá-lo quieto também não é alternativa. Yendis intromete-se em tudo quanto é discussão, quer dizer, só altas discussões em que estão em pauta as grandes questões da Humanidade, os grandes problemas metafísicos do destino do Homem. Ele intromete-se numa conversa de filósofos, joga a sua resolução e sai andando, não perdendo tempo entre os bem pensantes pedantes. Yendis não tem mais paciência para muita firula: ele chega, resolve, e sai fora. Com Yendis é fim de papo. E lógico, ele sai sempre campeão das situações onde aparece. Apenas em um poema, onde aparece a sua amada Satãna – ela mesma, Satãna; veja o diálogo e a intertextualidade interna da grande obra Diário de um louco, a única a quem Yendis se submete, mesmo assim, não deixando de dar umas espetadas também na amada. De tão divertido, Yendis chega a saltar as páginas, esse intrépido personagem. Sua "arrogância" chega a ser cativante. Entrar no seu mundo mágico de deuses e filósofos é um bálsamo para a nossa alma, esmagada pela vida chã. Continuemos.

Algo! (2007) foi um desafio para o nosso poeta. Procurando uma forma de expressão mais livre, mais livre do que os seus já livres versos rimados, procurando a prosa espontânea tal qual Jack Kerouac, YAS chegou a uma prosa poética de fôlego em *Algo!*, seu primeiro trabalho com esse

formato. O poeta, por assim dizer, soltou a pena e ela voou, e o pensamento voou, numa fluência vertiginosa, beirando a virtuose. Há passagens em *Algo!* em que dá para notar quando a escrita livra-se do autor que lhe deu o pontapé inicial, e os momentos onde o autor novamente toma as rédeas da selvagem escrita e lhe imprime nova direção, para novamente, ela descambar para onde quer ir; e é nesse movimento que vai sendo tecido *Algo!*, o próprio nome, "algo", já expressa essa vontade de exprimir "algo", esse "algo" que está contido dentro de todos nós, essas estranhezas humanas (digo eu), e que só a escrita espontânea, é capaz de exprimir. E preciso deixar o verbo pirar, a pena correr, sem a censura da ideologia, a tirania da razão, sem exigências de beletrismo. E é preciso coragem para permitir-se a liberdade criativa, a liberdade de modo geral, e o nosso poeta permitiu-se; a liberdade amedronta, mas o poeta enfrentou o medo, pois, sabia que valeria a pena ir até o fim, e foi, e no final, foi recompensado, tendo em mãos um texto que esbanja vitalidade, um sopro de ar fresco, um texto que nos abre a mente. Para fazer trocadilho: *Algo!* tem 'algo' de novo, e esse novo não precisou ser atual para ser novo, não precisou falar de tema atual ou se utilizar de forma literária sofisticada, bastou apenas comprar o desafio de seguir o caminho da liberdade, a liberdade que nos convida e que negamos, onde habita os melhores textos. E lá onde Yendis foi buscar *Algo!*, nos porões da consciência, onde recalcamos a liberdade. Em tempos de neoliberalismo, pensamento único, padronização do corpo e da mente, onde a própria esquerda parece repetir as mesmas ladainhas, distingue-se o poeta de *Algo!*, com seu grito desbragado, entalado na garganta pelo cotidiano massacrante, mas enfim liberto: um grito para assombrar a cidade, fazer os homens, inimigos da liberdade, arrependerem-se de viver sob os grilhões que eles mesmos, com sua sociedade anti-libertária, construíram. Com *Algo!*, YAS, por sua vez, alinha-se à tradição dos textos literários que vasculham a mente humana e dão vazão ao inconsciente recalcado; alinha-se à tradição da literatura subversiva-porque-subjetiva, aliás, literatura aparentemente mais presente fora do que dentro do Brasil (tenho que redescobrir Clarice Lispector e outros), onde sempre fomos afetados do bem pensar, do bom mocismo, às vezes, beirando o moralismo, sempre disfarçado de bom senso, com ares de sublime (inclusive o bom Drummond); basta pensar: cite-se um escritor(a) nacional a la Jack

Kerouac? Exatamente os marginalizados do Cânone Nacional: No século XIX, Kilkerry, Sousândrade, Cruz e Sousa (na poesia), Qorpo-Santo (prosa teatral); no século XX, Campos de Carvalho, Rosário Fusco (na prosa) e, perdoem-me os lemiskyanos, será a poesia de Paulo Leminski tão libertária quanto queira ser? Quanto à poesia marginal, também pergunto: não haverá mediocridade por trás do seu minimalismo? De um modo geral, nossa literatura é meio tímida no que se refere à libertação da mente por meio da escrita.

Para quem conhece a poética de Yendis Asor Said, sabe que *Algo!* é uma tentativa de ruptura com o seu próprio maneirismo formal (mantendo a passionalidade temática), que busca fazer um rito de passagem, libertando-se da autoridade do pai, das convenções sociais, da educação mofada que lhe foi transmitida, libertar-se das regras do bem pensar e do bem escrever. E, como tudo que emerge, vem às golfadas, com a violência de um parto, como o despertar de um paciente que passou longos anos em estado de coma, vem aos vômitos, é como se os humanos do filme Matriz despertassem das cápsulas onde seus corpos são abduzidos; é como o despertar da caverna de que fala Platão, da caverna da ignorância, acordando para a luz da verdade que só pode ser atingida através do caminho que conduz à libertação da mente. Yendis Asor Said arranca às entranhas esse "algo" que vive adormecido dentro de nós à espera apenas de nossa coragem para se libertar: esse algo é a própria liberdade, é a substância mais genuína do que seja o 'humano', não propriamente o 'humano' do homem que raciocina (*homo sapiens*), mas o 'humano' do homem que delira (*homo ludens*).

SOBRE "*SOCIEDADE MASSACRADA*"

Por Vinícius Fernandes Cardoso

Como assim, *Sociedade massacrada*?

Logo ao iniciar sua colaboração no *Jornal Regional Contagem*, Yendis Asor Said escreve e publica sua intitulada "*Sociedade Massacrada*", em texto saído na edição nº 110, de maio de 2007, aberto em tom bíblico: "*Hoje soou as trombetas esperadas, não as dos anjos e sim aquelas que o mundo atual já conhece e jura não conhecer, as trombetas do coração da terra*". Até hoje me pergunto se o título *Sociedade massacrada* foi pensado. Certamente sim, mas me pergunto se o autor observou a oposição conceitual entre *Sociedade Civil* de um lado e *Estado* de outro, conceitos advindos do liberalismo político.

Acontece que o autor poderia ter intitulado a série de *Sociedade massacrante*, ou *Sociedade massacradora*, ou mesmo *Massacration Society* como eu à época, sem complexo de colonizado, equivocadamente cogitei e sugeri ao autor, mudando, em cada caso, o sentido da expressão. *Sociedade massacrante*, por exemplo, transmitiria a noção de que a Sociedade, no sentido de conjunto de indivíduos, seria ela mesma responsável, ela mesma produziria suas más condições, e não o Estado. Já em *Sociedade massacradora*, a Sociedade, enquanto estrutura coletiva, pesaria demasiadamente sobre a cabeça dos indivíduos.

Ao "optar" (só se opta sobre o que se reflete) por *Sociedade massacrada*, mesmo se irrefletidamente, o título atribuiu ao *Estado*, *instituições*, *aparatos*, *estruturas* força sobre os indivíduos (*sociedade*), subjugando-os, dominando-os, "massacrando-os", adjetivo advindo do substantivo *massacre*, cujo sentido remete a assassinato coletivo, dando gravidade mortificante à expressão. Mesmo sem consciência do autor, o título permite um entendimento liberal e marxiano, interpretando que a *sociedade civil* (indivíduos) seria massacrada pelo *Estado* (instituições, leis), no entendimento liberal, ou mesmo o *Estado instrumentalizado como comitê central da classe dominante* massacraria as classes dominadas, no entendimento marxiano.

Talvez, ao contrário do que suspeito, o autor refletiu sobre o título, pois, quando lemos *Sociedade massacrada*, os indivíduos (*sociedade*) são

colocados como manipulados por instituições, líderes religiosos e mandatários: são os "paranormais da igreja e do governo", são os "cegos guiando cegos", são os "engravatados", manipuladores de indivíduos fragilizados, da massa ordeira, da ralé subserviente, da massa de manobra. Apesar disso, o autor também critica a própria população manipulada, massacrada, que teria meia-culpa por sua condição: é "esse povo ignóbil", esse "povo casmurro", narcotizado pelo ensimesmamento, pela "casmurrice".

Crítica às contingências

Analisando o primeiro texto da série, identificamos alguns elementos da estrutura mental ou pensamento social de Yendis Asor Said, a saber: a *vontade de contemporaneidade*, isto é, a vontade de falar de fatos, fenômenos e situações sociais singulares da contemporaneidade e não de uma época recuada. O que grosseiramente chamamos *vontade de contemporaneidade* aparecerá em outros textos da série, quando, exemplo, estando o autor vivendo e testemunhando período eleitoral (o municipal de 2008, o nacional de 2010), tomará o ensejo para tratar dos temas relacionados passíveis de crítica. No primeiro texto da série, exemplificando, o autor identifica *indiferença* e *apatia* como fenômenos singulares da contemporaneidade: "*Quando alguém fala da doença da terra, sobre terremotos o que nos interessa é saber quantos morreram, ou dizemos: — Ah! É lá no Japão.*" ou, no mesmo texto, a crítica a consciência sem sensibilidade moderna e pós-moderna: *Só sentimos o medo quando o ladrão invade nossa casa, põe-nos de reféns, matam nossos familiares, nossos cães, nossos gatos, nossas galinhas no terreiro... Só quando tira de nós o que mais estimamos. Quando acontece ao vizinho só falamos: — Devia ter tido cuidado!*